

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: *N. Eiras*.—Editor—José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão.—Typ. Espozendense—Espozende

Assinatura: Anno, sem estampilha 10\$00 esc.—Com estampilha e para fóra 12\$00 e.c.—Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs.—Colonias Portuguezas, 25\$000 rs.—Numero atrasado 1\$00 — Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9 —Espozende.

Anuncios: Judiciais: linha ou esp. de linha 1\$00 cent.—Anuncios particulares: linha \$70 Comun. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c.—Reclames e obras literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

* * * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * * *

AINDA AS GRANDES FESTAS DE BARCELOS

O nosso concurso

Espozende fez-se representar com o seu carro alegorico á pesca nas imponentes festas de Barcelos que tiveram o maior brilliantismo.

Dos jornais transcrevenos algumas palavras referentes á nossa representação.

Eilas:

«Do Seculo»

Espozende, o bello e caracteristico concelho do litoral minhoto, a cujos destinos o sr. Sá Pereira vem presidindo com rara dedicação, fez-se representar neste memoravel cortejo, pelo originalissimo Grupo de Sargaceiros, que na Parada de Entre Douro e Minho, da Exposição Colonial, do Porto, foi justificadamente destacado, e por um carro de pescadores, com um lobo do mar e uma peixeira, Maria Alice de Jesus Silva, esbelta moça, cuja vivacidade chamou a atenção geral. Esta curiosa representação despertou grande entusiasmo, sendo o sr. Sá Pereira vivamente felicitado pelos membros do Govêrno.

Do «Diario de Noticias»

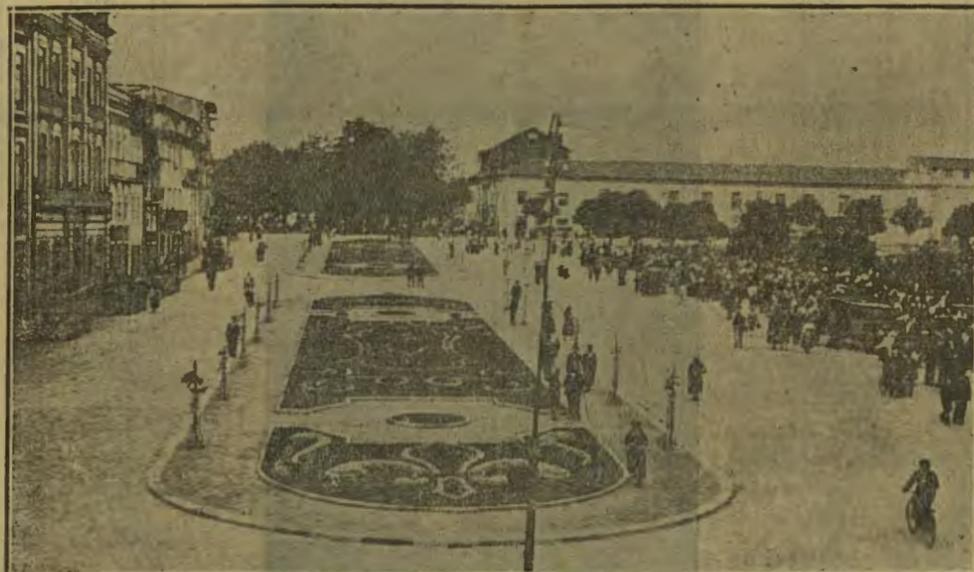
O concelho de Espozende, dominando uma grande parte do litoral



Palacio Municipal, onde, se efectuou o banquete oficial

minhoto, fez-se representar magnificamente, pelo caracteristico rancho de sargaceiros e varinas daquela terra de agricultores e gente do mar. O desfile garboso dos sargaceiros, de pé descalço e ostentando a sua típica indumentária «branqueta» e de «sueste», pro-

vocou a mais viva curiosidade do publico, que aclamou esse grupo de humildes trabalhadores, que passaram transportando, como utensilios do seu labor, «gravetos», carrelas e «redefoles.» Como ex-libris dos habitantes daquele concelho, seguia, depois, sobre um



Avenida Dr. Oliveira Salazar, onde se encontrava a tribuna de honra, para os Ministros e comitiva presenciarem o cortejo e industrial.

carro artisticamente decorado, o barco de pesca «Bamos com Deus».

Dentro desse barco destacava-se a presença de três autenticos lobos do mar e, encostada á proa a formosa varina Maria Alice de Jesus—admiravel tipo de beleza, esbelta e sadia...—erguia alto o seu tipico pregão de peixeira, oferecendo «o peixe fresco e saboroso do mar bendito de Espozende...»

Do «Diario da Manhã»

Um grupo, agora, cuja passagem despertou continuos—e justificadissimos aplausos:—o dos sergueiros de Espozende.

Pela sua indumentária curiosa, os sergueiros de Espozende prenderam todas as atenções. E, tambem, o carro alegorico á vida piscatória daquela vila. Um grande barco povoado de pescadores e vendeiras de peixe, e no costado a saborosa legenda «Bamos com Deus».

Do «Correio do Minho»

... «A's delegações famalicenses seguia a pitoresca representação de Espozende, os sargaceiros descalços, vestindo branquetas e cobrindo a cabeça com suestes—e o carro da pesca».

Crónica do Porto

«Março onde quer o passo»

(Continuação)

Chegou o mez de março carrancudo, chuvoso, frio e entrou a primavera vacante, triste encharcada de lagrimas, sem o imponente e odorifero cortejo das flores, nem a encantadora e suave musica dos passarinhos.

O Silveira Ramos teve uma ideia que pôz em pratica, sancionada pela sua indole perversa:

Abandonar a Narciso na solitaria casa, no meio da quinta deserta, para a castigar do mutismo em que se couraçava, ultimamente.

Irritava-o a obediencia passiva, amarrada ao trabalho, concentrada, sem um lamento, um queixume!...

—Deixa estar que eu sei o caminho a seguir...resmungava. Diz o ditado: «Março onde quer o passo».

Nem ponderou que o arcaico aforismo passou da moda, está vazio de conceito na epoca variavel, em que as estações do ano, andam destrambelhadas, sem saber ocupar o respectivo lugar.

A Narcisa, atarefada a servir o jantar, não deu importancia ás pragas e doestos, encerrada num silencio absorvente, que o exasperava.

Preferia, que fosse desmazelada, descurasse os deveres, respondesse aos insultos, para ter occasião de ser brutal, de trevassar a fetida bilis da sua alma aleijada, feita de lodo e lama.

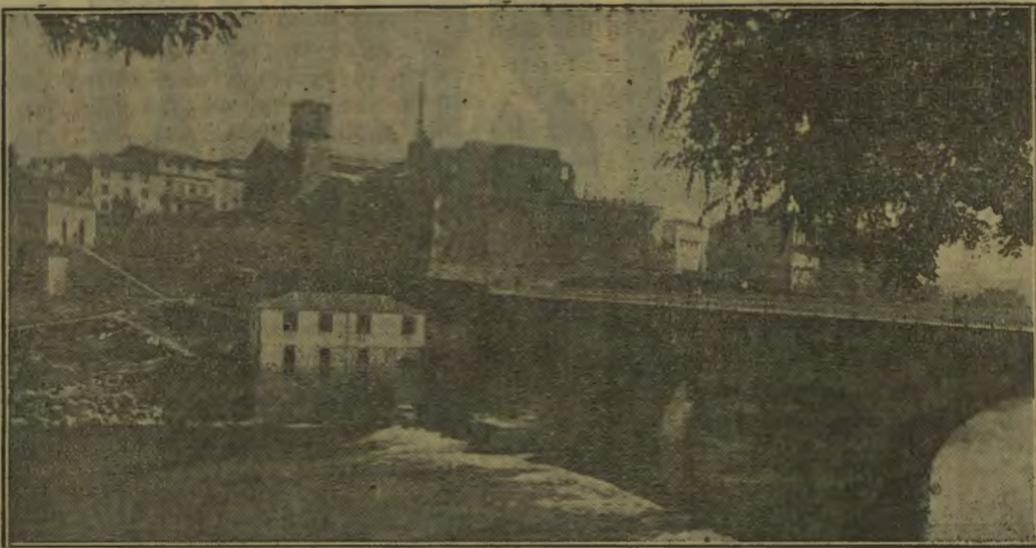
O mesquinho pensamento da vingança bailava-lhe no cerebro, com espantosa alegria.

A's vinte e duas horas, com uma pequena mala, na mão, appareceu na cosinha, onde a Narcisa lavava as panelas e disse autoritario:

—Vou viajar. Prepara a mala grande com roupa, que amanhã de tarde mando-a buscar. E saiu batendo com a porta.

A inditosa mulher ficou perplexa, encostada á banca, sem coragem para protestar. O espanto tornara-a inerte, muda! Ainda ouviu a companhia do portão de ferro, dar o sinal de saída.

O Silveira Ramos ia contente, como um estudante cabula, em ferias, a-pesar-de fustigado acremente pelo de-



Um trecho da cidade e o Rio Cavado, onde se realizou no dia 3 o festival nocturno.

sabrido temporal; porém, veio-lhe á lembrança o decantado proverbio, para ele de sabedoria infalivel.

Bem podia considerar o tempo trocado. Ha cinco meses que a chuva não cessa de alagar a terra! As sementes este ano, quasi todas apodreceram, com exc sso de agua: os jornaleiros atrazaram o plantio da batata por o terreno estar molhado, em demasia. Não obstante, a inclemencia do tempo, aquele homem deixou, com prazer, e conforto da sua casa, para perpetrar, uma vilesa, inqualificavel.

Monologava alto:

—E' para compreender, quanto vale a companhia dum homem como eu! Deve estar aflita...E' medrosa!... Ha quanto tempo não a ouço falar?! Parece uma sombra a deslizar na casa... Estou enfasiado!... Vive enleva-

da em pensamentos intimos, pensamentos, que não desvendando... e sinto tentações de os esfaquear a todos, lá no cerebro, onde se aninham!

E crispava os dedos com impetos não conseguindo o ar frio da noite nem a chuva, esfriar-lhe a colera.

Cirduudou o muro até ao extremo e parou. Em vez de seguir a estrada enlameada que coaduz, á estação de Rio Tinto, tirou uma chave do bolso e entrou, novamente, na propriedade, pela porta do fundo destinada aos trabalhadores, repetindo o adagio:

—«Março...onde quer o passo.»

A Narcisa esteve largo tempo em inexplicavel apatia. Depois foi reforçar com trancas e ferrolhos as portas e janelas, e presa de ex-

traordinario terror, subiu ao quarto e fechou-se por dentro.

Relanceou, por acaso, o olhar pelo espelho, reparou nas faces macilentas, desbotadas. Veio para a quinta com dezoito primaveras, e como envelhecera numa dezena de anos?!

Invadiu-a intensa recordação da casa dos pais, da familia, do piano, dos livros escolares de saudosa reminiscencia! E num impulso de revolta:

Final, estudei para que? Sou uma rodelha, maltratada! Lavadeira...esfregadeira...cosinheira!... Cosinheira, até dos trabalhadores dos campos... Criada dos proprios creados...

E' triste, muito triste!...

Interrompeu tam dolorosas meditações, um valente encontram dado na porta, situada por baixo do quarto, no pavimento inferior.

Arrepios de medo, quasi lhe gelaram o sangue!...

Olhos abertos de espanto, ouvidos atentos, imaginou um assalto de ladrões e reconheceu enfim, a falta do marido—como ele previra—que corajoso e de força atletica, ao mais subtil rumor, saia fora, ao terreiro, com a espingarda e percorria sem receio, os esconsos sombrios.

O Silveira Ramos, tinha defeitos morais, no entanto a Narcisa não podia negar-lhe a qualidade especial e singular pericia, de farejar gatunos, como o mais fino e inteligente cão de guarda.

Ouviu ruidos vagos, distantes. Sobressaltada, tremula, fechou a luz e abriu uma friesta da janela de guilhotina.

Noite de frio cortante... Com o olhar inquieto, apunhalou as trevas... Nada viu! Fechou a vidraça e ficou encostada, imovel, por muito tempo, a ver cair, fortes aguaceiros.

Pausadamente, o relógio deu duas horas. Sentiu bater os dentes de frio e de medo. Cessou a chuva, parou o vento, clarearam as trevas.

A lua começou a tenue iluminação da paisagem que era sempre a mesma. Um fio luarisado beijava as necropoles e a Narcisa desejou ser um dos heróis esqueleticos, do drama de Soares de Passos, para ao raiar



Trago regional de Barcelos

daquela longa e horrorosa noite, descançar no «repouso» dum «frito leio», na solidão calma e serena da sepultura.

Com a morosidade costumada nos lances aflitivos, o dia surgiu e dissipou todos os terrores.

Os jornaleiros fizeram retinir com força a sineta, admirados de encontrarem as portas fechadas.

A Narcisa, só então, teve coragem de descer. Estava febril e uma insuportável dôr martelava-lhe a cabeça.

Os trabalhadores foram buscar os instrumentos de lavoura e correram, horrorizados, a prevenir a senhora, de que o patrão estava morto, na casa da eira.

O frio paralisara aquele corpo forte, de inquieto viver e só na morte encontrou a eterna paz.

30 de Março de 1935.

LEVY.

Arqueologia desprezada...

É este sem dúvida um dos assuntos de grande oportunidade e de grande valor para o nosso concelho. Talvez, e pena é que esta afirmação vá impressionar alguns cérebros, mas deixo em branco a sua classificação. A arqueologia é um dos meios mais grandiosos e eficazes, não só para delimitarmos uma época histórica, mas para sabermos a evolução da civilização, como se operou e também termos conhecimento dos povos que entre nós estiveram, deixando-nos em maior ou menor grau os seus costumes os quais acatamos e conservamos. Se percorrermos Portugal de norte a sul, de leste a oeste, nada mais vemos que restos deste ou daquele povo, especialmente povos que na Península Hispânica estiveram, quando das invasões. Há ainda hoje, freguesias, cuja sua população é o retrato fiel dos seus descendentes. Não é necessário andarmos muitos quilómetros para encontrarmos o fundamento desta verdade. Quero-me referir a Castelo do Neiva, população retintamente marítima, precisamente caracterizada pela audácia, tal como sucedia com os fenícios povo também marítimo e audacioso. Mas mais do que isto, porque esta analogia pôde se dar independentemente da descendência, está o facto bem visível de ser um povo aguerrido, destemido e embora com um pouco

de exagero, poder-lhes-hemos chamar destruidor. Ora são os estudos arqueológicos, a arrecadação de tudo quanto vai aparecendo, cacos, moedas, ruínas, dolmens, antas etc, que nos permite chegarmos a certas conclusões, que doutra forma todo o esforço seria insofismavelmente improdutivo e nada saberíamos.

Portugal, é um dos países mais ricos em assuntos arqueológicos, especialmente porque desde sempre foi habitado pelos mais variados povos, que á sua passagem deixavam vestígios, uns de civilização mais adiantada, outros de civilização de veras atrazada.

São felizmente muitos os concelhos portugueses a quem este ramo de ciência vivamente tem interessado. Concelhos há, que foram remexidos em toda a sua extensão, deles se tirando o maior rendimento para a história por intermédio de homens competentes e experimentados no assunto.

Porém, o concelho de Espozende tem sido desprezado totalmente, sem sabermos qual a razão, mas ela não se encontra no facto de não haver esperança duma boa colheita, porque alguém que por modéstia esconde o nome, muitas e muitas coisas tem encontrado, quer por aqui, quer pelos lados de Vila-Chã, Faro, etc. Mas sózinho não pode trabalhar. Era necessário que mais alguém se interessasse por este assunto, o motivo primeiro que nos levaria a organizar um *muzeu* tam util como educativo ás gerações vindouras.

É preciso não descurar o que nos pode engrandecer e tornar conhecidos, como acontece com tantas terras portuguesas que ainda não chegaram a vilas, mas tem o seu nome bem legível em valiosos tratados portugueses e espanhóis da especialidade, que as torna orgulhosas e com razão...

Esperemos pelos resultados...

Abril, 17-1936.

Domingos Gomes

Tres factos por semana

**

A FESTA DO TRABALHO

Realisou-se este ano no 1.º de maio em Barcelos a festa dos operarios.

Foi uma festa grandiosa a que concorreram milhares de operarios e trabalhadores do campo.

Espozende fez-se representar condignamente nessa grandiosa apoteose ao trabalho com as

suas forças de terra e mar.

Mereceram fartos aplausos o seu carro alegorico, que transportava velhos lobos do mar, e o numeroso grupo dos Sargaceiros, que já tanto entusiasmo despertara no cortejo regional de Entre Douro e Minho na Exposição Colonial Portuguesa, no Porto.

Espozende deve estar satisfeito pela representação que levou á festa do trabalho em Barcelos.

Z.

CONFERENCIAS PEDAGOGICAS

Decorreu com extraordinario entusiasmo a reunião do professorado primario do concelho de Espozende.

Com extraordinario entusiasmo realisaram-se na ultima 5.ª feira, nesta vila as conferencias pedagogicas para o professorado primario do concelho, tendo presidido o illustre director do Distrito Escolar, sr. Manoel Boaventura e assistido o inspector adjunto, sr. Manuel Caramona, auctoridades, numerosos professores do concelho de Barcelos, etc. Apresentaram trabalhos os srs. D. Adelina Vieira, D. Margarida da Silva e Manuel Vila Verde, que dissertaram respectivamente sobre «A noção do numero», «Ambiente social da escola rural portuguesa» e «Ensinho da lingua á primeira classe». Os conferencistas foram todos muito applaudidos.

Encerrados os trabalhos pelo sr. Inspector Manuel Boaventura todo o professorado se dirigiu para junto do monumento a Rodrigues Sampaio, tendo prestado homenagem ao vigoroso jornalista. Usou da palavra, pronunciando um vibrante discurso o professor sr. Carlos de Oliveira Martins.

Depois, na Quinta de Curvos, propriedade do grande benemerito da instrução sr. Rodrigues de Faria, realisou-se um banquete de confraternisação que terminou com brindes calorosos. Falaram, enaltecendo o exemplar carinho do sr. Rodrigues de Faria pela instrução, os srs. Inspector Manuel Boaventura, Pedro Veiga, João de Almeida e professores Carlos Martins, pelos seus colegas de Espozende e Luiz Coelho, em nome do professorado de Barcelos.

Nas escolas de Forjães — edificio grandioso e belo que o sr. Rodrigues de Faria mandou erguer — teve lugar um recital que revelou a intelligencia e o grau de adeantamento de va-

rios alunos.

Um apêlo á generosidade Espozendense

A personagem deste drama, Ana Laurizá é de todos bem conhecida neste meio e todos sabem que a pobre Laurizá sofre de perturbações mentais sempre com gaudio da mocidade inconsciente desta terra!...

Todos conhecem tambem que a Laurizá tem um velho pardieiro, em parte desmorenado, aonde ela cultiva o seu horto de plantas odoríferas, em cacos velhos, que dão áquelas ruínas um aspecto de beleza agradavel. Mas... a outra parte está prestes a subvertel-a em proxima derrocada e se não lhe acudirem teremos, mais dia ou menos dia, de registar uma desgraça, que muito deve ferir o bom nome do nosso generoso povo.

Mas... para os pobres terem direitos, necessario seria que tambem tivessem tido deveres, que se impõem a todos que podem trabalhar e não trabalham, fazendo só por aumentar a miséria da pedinchice.

Por isso, segundo a nossa forma de ver, os pobres devem ser divididos em duas categorias: a primeira, dos *que querem trabalhar e não podem*, a segunda dos *que podem e não querem!*...

A medalha do bem fazer tem muitas vezes o reverso muito diferente da intenção do bemfeitor, porque para muitos pobres o trabalho é função desprezível que, trabalhem os outros!... Quem dá tem de fazer tudo... levar o pão da Caixa ao Campo e do Campo á masseira — Por quantas fazes ele passa! e enquanto os que dão fazem tudo isto, os pobres coitadinhos fazem que desconhece o esforço do seu bemfeitor só para vêr nele a mão bemfareja que lhe oferece a sua bendita esmola que a pouco e pouco vae fazer dele um paria de sociedade.

No caso presente tambem pode dar-se a mesma coincidência; a esmola pode não ser bem aplicada porque amanhã pode alguém vir a ser Senhor deste predio e vae usufruir um melhoramento á custo do estorço alheio que, geralmente nunca agradece, e sendo assim para que esta esmola tenha uma applicação justa deve o seu producto reverter a favor do nosso hospital depois da morte da contemplada.

O dinheiro angariado, gasto na Casa será caucionado como divida ao hospital sob a condição de não vencer juros na vida da sua proprietaria, mas cancelar-se á sua morte, ou se o predio fór vendido a outro. Por

isso julgamos de justiça que todos subscribam para este fim que se nos afigura de grande benemerencia e que todos os homens de boa vontade se interessem por este acto verdadeiramente Cristã são os nossos votos.

José Rodrigues Quesada

Tito Evangelista

Na noite de sabado para domingo, ultimo, foi acometido por um forte ataque de sangue este nosso velho amigo, desta vila, que o deixou em estado bastante melindroso.

Sabemos ter recuperado sensíveis melhoras com o que sinceramente folgamos.

Chuvvas

Durante a semana foram copiosas por vezes as chuvvas.

Missa

Como aqui noticiamos resouse na ultima segunda feira, na capela da nossa Misericordia a missa por alma do sempre chorado ex-provedor que foi daquela casa, snr. Valentim Ribeiro da Fonseca.

Ao religioso acto assistiram inumeras pessoas de todas as classes sociais.

Obras no porto

Continuam com bastante actividade as obras de reparação no nosso porto e a abertura da Avenida para o mesmo

Largo Rodrigues Sampaio

Procede-se neste largo ao seu ajardinamento, dando assim um aspecto mais florido áquele recinto.

Residencia paroquial

Está a ser ultimada a obra de caiador na residencia paroquial desta vila, que há anos vem sendo feita por subscrição publicas.

O seu aspecto é muito agradável.

D. Amélia V. Ribeiro

Tem experimentado bastantes melhoras nos seus ultimos sofrimentos esta illustre dama espozendense.

Fazemos votos porque em breve possamos noticiar o seu completo restabelecimento.

Arcebispo Primás

Esteve ultimamente na freguezia de Curvos, deste concelho, em visita paroquial o ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Nomeações

Foram nomeados fiscaes do trabalho: para Guimarães, o sr. Eduardo Ferreira, e para Vila Nova de Ramalhão o snr. Americo Fernandes Pereira, o primeiro desta vila e o segundo de Fão.

Estaleiro

Prosegue com grande actividade a construção naval a executar no nosso estaleiro

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Pelo funcionario recenseador eleitoral deste concelho, foram expedidos editais annunciando que de 11 a 15 do corrente se encontrava exposto e em reclamação na Secretaria da Camara, o recenseamento geral do concelho, composto de 3 cadastros a que se refere o § 1.º, art.º 7.º do Decreto n.º 23.406.

A IMPRENSA

e o

Esposende e o seu concelho

I

Esposende e o seu concelho, pelo Dr. Teotónio José da Fonseca, Edição da Livraria Esposzendense, 1936.

Quis o nosso amigo sr. Silva Vieira, antigo e denodado jornalista, ter a amabilidade de nos oferecer o livro citado em que, como o seu nome indica, se faz a historia do concelho de Esposende e de todas as suas freguezias.

O livro é interessante e se bem que não saia das mãos dum literato de profissão, tem a valorizá-lo o estudo consciente da antiguidade de cada uma das paróquias, a descrição dos seus monumentos e ainda a citação dos seus *homens de valor* do passado e do presente.

Todas ou quasi todas as freguezias do Minho tem a sua historia e ninguem com ela se tem preocupado, deixando-se morrer por esquecimento actos de cavaleirismo e poética grandeza quanto material acarretam para a historia do pais.

O dr. Teotónio Fonseca que já em volume compilou as memórias do concelho de Barcelos, bem merece pelo seu trabalho cuidadoso e quasi de beneditina paciencia.

Muito agradecemos a gentileza da oferta e recomendamos a sua leitura.

«Esposende e seu concelho» vende-se na Livraria Cruz, desta cidade.

(Do «Diario do Minho» de Braga, de 17 de Abril de 1936).

DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA

Compra-se um de auctor moderno e em bom estado de conservação.

Falar e tratar na tipografia deste jornal.

BIBLIOGRAFIA

«Norte de Portugal»

Está publicado o número 4 desta interessante revista de turismo que, de numero para numero se apresenta sensivelmente melhorada, tanto na sua colaboração como no seu aspecto gráfico.

O presente numero, que traz uma sugestiva capa a cores, insere as seguintes secções:

Castro Daire—A pérola do Montemuro; Rincão formoso da Beira;—Santo Tirso—Terra de turismo;—Os portugueses no Brasil;—Faro—capital do jardim do Sul;—Esposende—Barca do Lago, por Domingos Gomes;—Aspectos de Barcelos;—A Obra da Comissão de turismo de Coimbra, por Antonio Cruz;—O Rancho Regional do Orfeão de Matosinhos;—O Castelo da Feira, por Aguiar Cardoso;—A Praia da Figueira, por Albano Duque;—Povoa de Varzim, por Baptista de Lima;—Fafe—A sala de visitas do Minho;—O Norte, em poucas linhas, etc.

A revista «Norte de Portugal», que insere copiosas e excelentes illustrações, tem a sua redacção e administração na R. de Santa Catarina N.º 53-1.º Porto, e custa sómente 4000 por série de 3 numeros, e 1250 cada exemplar, avulso.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a aquisição desta interessante revista, cuja assinatura se pode tomar neste redacção sem aumento de custo.

«Femina»

O melhor jornal de modas que se publica em Portugal.

Veio á luz o n.º 129, de 1 de Maio.

Como sempre cheio de bons escritos, bons figurinos, secções atrativas, vida mundana, cartas a uma poetisa, pelo grande escritor José Agostinho e uma infinidade de conhecimentos uteis que a tornam um bijú.

Assinem esta publicação as ex.^{mas} damas se quiserem estar a par das ultimas criações na moda.

A Redacção está entregue á erudita D. Helena de Aragão, o que tanta basta dizer-se.

Publicações diversas

Revista do Instituto do Café do Estado de S. Paulo. N.º 109; referente a Fevereiro do corrente ano.

—N.ºs 190, 191 e 192, do O Jornal do Contribuinte, publicação trimestral de Lisboa, defensora e guia do contribuinte.

N.º avulso 1 escudo.

—O n.º 43, 2.º volume das Terras Portuguesas, arquivo historico-cografico, por Baptista de Lima, da Povoa de Varzim.

Este fasciculo vai de pag. 385 a 416. letra U.

Agradecemos.

—N.º VIII, ano XXXVI, do Construtor Civil, mensario defen-

sor dos interesses economicos, profissionais e artisticos da classe dos pedreiros portuenses.

Bem escrito e bem impresso.

—O n.º 10 do *Mutualismo*, boletim da As. S. M. na Inhabilidade, que se publica em Lisboa.

—D. N. C. Temos presente o n.º 33, da *Revista do Departamento do Café*, do Rio de Janeiro, correspondente a Março, proximo passado, o qual traz uma colaboração muito selecta e escolhida.

Desta revista é seu redactor-chefe o sr. Eurico Penteado, o bastante para a sua qualificação.

Agradecemos a oferta.

O n.º 5, pertencente a Maio, do *Raio de Sol*, publicação mensal dedicada aos pequeninos.

E' illustrada.

A PATRIA

Sociedade Alentejana de Seguros

Séde em

EVORA

em propriedade sua.

Delegação no

PORTO

AVENIDA DOS ALIADOS, 81-1.º

Telefone—4903

Efectua

SEGUROS DE VIDA

em todas as modalidades bem como:

Incendio, Cristal, Postal, Desastres no Trabalho, Maritimo, Responsabilidade Civil Roubo, Agricola, Accidentes, individuais.

Reservas em 1932:

Esc.—3.278.596\$75

Agente em FÃO E ESPOZENDE.

Antonio de Sá Pereira

Cimento Tejo

a marca mais conhecida e garantida por o fabrico moderno

DEPOSITARIO

CASA DE FERRAGENS VIDROS E TINTAS

BERNARDO GONÇALVES ENES

Rua Direita — ESPOZENDE

Joel de Magalhães

MEDICO

Em Esposende das 9 ás 12- e em Fão das 14 ás 15

e meia horas

CASA

Arrenda-se a que esteve ocupada pelo sr. Antonio Araujo, na rua 1.º de Dezembro. Para tratar com o seu proprietario Angelino Eanilio do Vale—Perelhal.

